

# FORMAÇÃO MILITANTE

3ª CLASSE



## RECOMENDAÇÕES AO PROFESSOR

- 1) As aulas de formação militante baseadas na representação de cenas (dramatização) têm por fim evitar que a politização dos principais seja baseada no princípio de "aprender de cor", sem qualquer compreensão do que se aprendeu.
- 2) A dramatização permite à criança identificar-se com o problema a explicar e a ensinar. É mais fácil para uma criança compreender o colonialismo, dramatizando uma série de aspectos da exploração colonial, do que aprender simplesmente de cor que o colonialismo é uma forma de exploração dum país por outro.
- 3) Mas o professor não se deve limitar às dramatizações que vêm no livro. Deve deixar os alunos expandir a sua imaginação, deixando-os criar as suas próprias dramatizações, baseadas é claro, no princípio político a ensinar, se fôr necessário.
- 4) O professor deve tomar nota de todos os elementos interessantes das dramatizações criadas pelos alunos e, depois, enviá-las para o DEC, para que este livro possa ser completado posteriormente e renovado.
- 5) Quando não houver alunos suficientes, em particular nas bases, faz participar outros alunos ou guerrilheiros.
- 6) Nas cenas mudas em que os alunos apenas exprimem por gestos, estas devem acompanhar o CORO. Por exemplo: se o coro diz "e os soldados mataram Augusto Ngangula", ao mesmo tempo que o coro fala, a cena muda vai-se desenrolando: os soldados fazem gestos de matar Augusto Ngangula.
- 7) Os exercícios de controle permitem ao professor controlar os conhecimentos dos alunos. Os exercícios "completa as frases" permitem ao aluno controlar os seus próprios conhecimentos.
- 8) O CORO final de cada dramatização é a parte que os alunos devem reter, ou seja, é o princípio político a fixar.
- 9) As aulas devem ser preparadas com antecedência. Essa preparação exige:
  - a) escolha dos participantes
  - b) explicar e fazer estudar a cada um aquilo que deve representar.
- 10) O professor deve fazer com que todos os alunos participem. Ele deve variar sempre a escolha das personagens principais.

TEMA:

O COLONIALISMO PORTUGUÊS EXPLORA ANGOLA

I - O Cultivador de Algodão

Personagens: Cultivador de algodão angolano  
Um colono português representando a Cotonang.  
Um comerciante português  
Um activista do M.P.L.A.  
Coro (um grupo de alunos)

CENA I

(Cultivador angolano e capitalista da Cotonang)

CORO: Um cultivador angolano vai vender o algodão que produziu à Companhia

O Cultivador: <sup>Deixa</sup> ~~É~~ o algodão que produzi. Venho vendê-lo: são 200 quilos.

O Capitalista: O preço é de 3,00 escudos o quilo. Portanto pague 600,00 escudos.

O Cultivador: É pouco. Trabalhei muito para produzir este algodão. Os meus filhos têm fome;;; há as doenças...

O Capitalista: Se não queres aceitar este preço, podes ir embora. Há mais quem queira vender.

CORO: O cultivador entrega o algodão e recebe o dinheiro.

CENA II

(Comerciante e cultivador)

CORO: O cultivador vai ter com um comerciante colonialista

O Cultivador: Quería 5 metros de pano.

O Comerciante: São 100esc. 20 esc. cada metro. Se não tens dinheiro podes ir embora, porque aqui não se fia a negros

CORO: O cultivador conta o dinheiro: só tem 10,00 escudos. O dinheiro não chega.

O Cultivador: É muito caro não posso comprar.

### CENA III

(Cultivador e Activista)

O Activista

do M.P.L.A.: Bom dia camarada. Porque estás tão triste?

O Cultivador: Bom dia. Estou triste porque queria comprar 5 metros de pano para os meus filhos, e não pude. Era muito caro.

O Activista

do M.P.L.A.: E o dinheiro que a companhia te pagou pelo algodão que produziste?

O Cultivador: Era pouco. Produzi 200 quilos este ano. O preço de cada quilo era de 3,00 escudos. Recebi ao todo 600,00 escudos.

Com esse dinheiro paguei os impostos: 280,00 escudos da taxa pessoal e 70,00 escudos imposto da bicicleta. Como vês, só em impostos gastei 350,00. Fiquei com 250,00, para gastar num ano inteiro, em comida, roupa, remédios, e tudo o mais que aparece.

Quis comprar uns tecidos para os meus filhos. Ora, o preço do tecido é de 100,00 escudos. Eu só tinha 10,00 escudos. Era pouco. Não pude comprar. É esta a minha triste história.

O Activista

do M.P.L.A.: Foste explorado, camarada. O tecido que querias comprar, é feito de algodão, desse algodão cultivado com o teu próprio esforço.

Tu vendeste esse algodão à companhia. Ele foi enviado para Portugal. Aí, ele foi transformado, nas grandes fábricas, em tecidos. Esses tecidos voltaram para Angola e custam muito caro.

O Cultivador: O tecido é feito com o algodão que produzi?

O Activista

do M.P.L.A.: Sim, camarada. Com o teu algodão e o de todos os outros cultivadores como tu; explorados como tu; como tu, obrigados a vender o algodão à companhia.

É isto a exploração colonialista: as riquezas que produzimos com o nosso trabalho, pertencem aos colonialistas, que as vendem, para poderem ganhar ainda mais dinheiro.

CORO (todos os alunos):

PARA  
FIXAR

Os trabalhadores angolanos produzem as riquezas, que depois ficam para os colonialistas. Essas riquezas são depois revendidas aos trabalhadores angolanos, muito caro. É esta a exploração económica do colonialismo português.

Perguntas de controle:

- 1) Em Angola quem produz as riquezas?
- 2) Quem é que se apropria dessas riquezas?
- 3) A quem são vendidas depois essas riquezas? Custam caro ou barato?
- 4) Portanto, o que é que o colonialismo português, faz aos trabalhadores angolanos?

② - O Trabalho forçado

Personagens: Contratado  
Angariador  
Administrador  
Capataz  
Cipaios  
Povo da aldeia *do quinto*  
CORO

CENA I

(Povo da sanzala <sup>do quinto</sup>, administrador, angariador, cipaios, um homem do povo)

CORO: Esta é uma sanzala <sup>na sanzala</sup> angolana. Os homens e as mulheres trabalham.

Um homem do povo (gritando): Chegou o administrador. Chegou o angariador. Trazem os cipaios. Ah, que nos vêm buscar.

Administrador: Onde está o chefe da sanzala? É preciso reunir toda a gente. Cipaios: fazer rusga geral.

Angariador: São precisas 500 cabeças de negros, senhor administrador. Daqui podemos levar umas trinta cabeças.

CORO: Os cipaios fazem a rusga. Eles batem e arrancam das cubatas

e das lavras todos os homens.

Administrador: Este já está velho. Este também. O resto vem conosco. Cipaio, amarrem estes homens e ponham-nos na carinha.

CORO: Os homens são amarrados. As mulheres choram. Os homens partem pela força: é o trabalho forçado.

## CENA II

(Capataz, contratados, o colono dono da roça)

CORO: Esta é uma roça de café. Ela pertence a um colono português. Os contratados trabalham sob a vigilância dum capataz.

(Trabalho da roça)

Capataz: Trabalhem! Rápido! Senão vem aí o patrão, e eu vou dizer que vocês são uns grandes preguiçosos.

CORO: Chega o grande proprietário da roça

O Colono: Capataz, põe-me esses negros a trabalhar rápido e bem. Não quero preguiçosos aqui. Se eu pago é para trabalharem.

O Capataz: Sim patrão. Rápido! Rápido!. Mais trabalho, senão o chicote vai cantar.

## CENA III

(Contratado e activista)

CORO: Ao fim dum ano, os contratados regressam <sup>no quinto</sup> à aldeia.

O Activista: Camarada, como mudaste! Estás magro, cansado e doente. Onde estiveste tanto tempo ausente?

O Contratado: Estive na tonga. Na tonga grande de café. O administrador veio. O angariador veio. Trouxeram os cipaio. Amarraram-nos e mandaram-nos trabalhar longe da <sup>nos</sup> sa aldeia. Fomos tratalhar na roça do colono.

O Activista: Conta, irmão <sup>mas</sup> como era a tua vida lá.

O Contratado: Vida dura, irmão. Trabalho; desde que o sol nasce até que ele desaparece. Mesmo doente tens de trabalhar. O dinheiro que recebíamos era pouco: 180,00 escudos por mês. Mas só recebíamos 60,00 escudos. O resto ficava para ser pago no fim do contrato.

Davam-nos comida: peixe podre e fuba podre. O resto que precisávamos, comprávamos na cantina. Me

na cantina, tudo era caro. Quando chegava o fim do mês, ficávamos muitas vezes a dever dinheiro. A conta na cantina era tão grande, que ultrapassava os 60,00 escudos.

O Activista: Camarada, como foste explorado e humilhado! O teu trabalho era muito, o dinheiro que recebias era pouco! A comida podre, era só aquela quantidade necessária, para tu poderes aguentar o trabalho, e não morreres à fome.

Tu foste um escravo do colono. A custa do teu trabalho ele foi enriquecendo pagando-te pouco e fazendo-te produzir muito!

CORO: (todos os alunos.)

PARA  
FIXAR

O povo angolano é obrigado a trabalhar nas roças dos colonialistas: em Angola existe o trabalho forçado. Esta é mais uma forma de exploração económica do colonialismo português.

Perguntas de controle:

- 1) Onde é que o povo angolano é obrigado a trabalhar?
- 2) Como se chama esse trabalho?
- 3) Que forma de exploração é o trabalho forçado?

- Revisão da lição anterior -

Completa a seguinte frase:

Os trabalhadores angolanos produzem .....  
que depois ficam para os .....

Essas ..... são depois vendidas aos .....  
e custam muito caro.

É esta a exploração ..... do .....

③ - Os trabalhadores duma pescaria

Personagens: O velho operário  
O jovem operário  
Outros operários  
Activista do M.P.L.A.  
CORO

CENA I

(Velho operário e o jovem operário)

CORO: Esta é uma pescaria. O seu proprietário é um colono português. Aqui trabalham 80 operários angolanos. Eles pescam, cortam, secam o peixe ou põe-no em conserva. Hoje é um dia de trabalho: Ele começou às 7 horas da manhã.

O Velho operário: Houve muita pesca, o trabalho vai aumentar.

O Jovem operário: Comecei hoje a trabalhar aqui... O trabalho é sempre assim tão duro?

O Velho operário: O trabalho, aqui, é sempre duro. Mas agora vai ser ainda mais. Pescou-se muito peixe. E quando se pesca muito peixe, trabalha-se por dia cerca de 12 horas. Só paramos para comer!

O Jovem operário: 12 horas! Tanto!... e o salário é baixo?

O Velho operário: 180,00 escudos. Mas em cada mês só recebes 60,00. A comida dão-nos. Mas quase não se pode comer: tudo podre. E se compras fiado na cantina, no fim do mês ficas a dever, porque nem esses 60,00 escudos chegam. Vida dura esta!

O Jovem operário: A nossa vida será assim?

CENA II

(Velho operário e jovem operário, outros operários)

CORO: São ~~12 horas e 30 minutos~~ <sup>depois do meio</sup> da tarde. Os operários continuam o trabalho.

O Jovem operário: Quando acabará este trabalho? Estou tão cansado, mais velho.

O Velho operário: Mais um pouco, ~~filho~~ <sup>mano</sup>. Aguenta. As 7 horas acaba - mos o trabalho. Não esqueças que são 12 horas de trabalho!

CORO: Toca o sino. O Trabalho acabou.

CENA III

(O velho operário, jovem operário e activista)

CORO: É a hora do jantar. Os operários comem: um pouco de funge com mólho de peixe podre.

O Jovem operário: Comer peixe podre, quando nós pescamos tanto peixe fresco! Sim, porque fomos nós que o pescamos.

O Velho operário: Sempre assim foi, ~~meu filho~~ <sup>mano</sup>. Desde que trabalho

*foi assim,*



aqui , nunca vi nenhuma mudança. Os outros mais velhos do que eu , que aqui trabalharam, também, repetem sempre a mesma coisa: aqui na pescaria tudo é sempre igual, nunca muda para nós, ~~negros~~.

O Activista: Eles não poderiam fazer doutra <sup>deu</sup> maneira; senão perderiam dinheiro. O ~~seu~~ trabalho é este: explorar-nos o mais possível para ganharem o máximo de dinheiro. E o nosso trabalho é este: lutarmos o mais possível, para expulsarmos os colonialistas da nossa terra.

Este peixe e esta fuba, são só para podermos aguentar o trabalho sem morrer. Eles dão-nos aquela quantidade de comida que nos impede de morrer e nos ~~per~~mite aguentar o trabalho.

O Jovem operário: E o salário é tão pouco... não chega para nada . Trabalhamos tantas horas para ganharmos uma mi-séria.

O Activista: É isso, camaradas. Se a pescaria nos pertencesse, não seríamos explorados. Mas ela pertence ao colonialista estrangeiro. O peixe pertence, a nós, angolanos; porque ele vive nos mares da nossa terra, mas os colonias-tas ficaram com a nossa terra e também com as suas riquezas. Eles roubaram-nos as nossas riquezas.

CORO: (todos os alunos)

PARA  
FIXAR

As riquezas existentes em Angola são apropriadas pelos colonialistas portugueses. E os trabalhadores angolanos, como nada possuem, são obrigados a trabalhar para eles.

Esta é a exploração capitalista do colonialismo português.

④ - O povo angolano é analfabeto

Personagens: O pai  
A mãe  
O miúdo Kahina  
O activista do M.P.L.A.  
CORO

#### CENA I

(O pai e a mãe de Kahina)

CORO: Esta é uma familia angolana. O pai é carregador no porto. A mãe é lavadeira em casa do colono.

A Mãe: O nosso filho, Kahina, acabou a escola. Ele disse-me que queria continuar a estudar.

O Pai: Impossível. Ele sabe bem como a nossa vida está difícil. O que eu ganho e o que tu ganhas é pouco. Há os impostos, a renda da casa, a comida, as roupas, as doenças, que nunca faltam em casa de pobre. E temos ainda os outros filhos. Kahina não é só. Eu até estava a pensar em pô-lo como aprendiz de serralheiro, em casa do senhor Neves.

A Mãe: Ele queria tanto estudar!

O Pai: Eu também não estudei. Tu também não. O jornal apenas seio letrar. Ele já tem sorte em ter feito a 4a classe. Mais instrução já não podemos dar. Estudar, em Angola, não é para nós, negros...

CORO: Em Angola, o nosso povo é analfabeto.

### CENA II

(Kahina, outros miúdos brancos, coro)

CORO: Hoje é o dia da reabertura das aulas. Estes são os filhos dos colonos que partem para as escolas e liceu, brincando alegremente pelo caminho.

(vários alunos passam o caminho da escola)

E este é Kahina. O filho do trabalhador angolano, que não vai para o Liceu, mas para a serralharia, onde vai <sup>trabalhar</sup> iniciar a sua vida de operário... porque ele não tem o direito de estudar porque é angolano, e pobre.

(um aluno faz de Kahina. Passa lentamente, pela estrada)

Um Filho de colono: António, já compraste os novos livros para o liceu? São bonitos. Este ano vamos aprender muitas coisas novas.

Kahina: (escutando o que o outro diz): Eu gostava tanto de estudar! Eu, também, gostava tanto de estudar.  
(começa a correr soluçando)

CORO: Em Angola, os angolanos, não têm o direito à instrução.

### CENA III

(activista e os pais de Kahina)

O Activista: Bom dia, mais velho. Então como vai a vida?

O Pai: Bom dia, ~~filho~~. A vida é esta: sempre igual. No por - to, muito trabalho, em casa muita tristeza...

O Activista: porquê tristeza?

O Pai: É o nosso filho Kahina. Tu sabes como ele era bom aluno. Inteligente mesmo, dizia o professor. Ele acabou a 4ª classe, e queria continuar a estudar. Mas é-me impossível pagar-lhe os estudos. Tu sabes bem como a vida está cara. Por isso, resolvi pô-lo como aprendiz do senhor Neves. Aquele ~~portuga~~ que tem uma serralharia.

Ele lá foi, coitado. Porque é obediente. Mas os olhos dele nunca mais riram, e à noite a mãe diz que o ouve chorar em silêncio.

O Activista: Pobre Kahina! E, como ele, quantos Kahinas não haverá em Angola? Quantos miúdos como ele inteligentes, como ele angolanos, desejando estudar e sem poderem...

É o colonialismo, ~~paí~~. O colonialismo que nos trouxe a miséria e a ignorância. Ele mantém o nosso povo analfabeto para o explorar melhor.

Mas isto não vai durar muito, não. O povo está cada vez mais consciente da exploração que sofre.

CORO:

PARA  
FIXAR

Em Angola, o nosso povo é analfabeto. O colonialismo português mantém o nosso povo ignorante, para o explorar melhor. Esta é a exploração cultural do colonialismo português.

5- A falta de assistência sanitária

Personagens: O pai  
A mãe  
Pedro (o filho doente)  
O enfermeiro colonialista  
Activista do M.P.L.A.  
Vários doentes

CENA I

(Pai, mãe e Pedro muito doente)

CORO: Esta é a casa de Pedro, um miúdo angolano. Ele está doente. Muito doente. E a sua ~~sanzala~~ <sup>casa</sup> fica longe da cidade, onde está o hospital.

A Mãe: Pedro piorou. Temos de fazer alguma coisa.

O Pai: O hospital está longe, na cidade. 20 quilómetros a pé. Não sei se ele vai aguentar. Mas vamos embora. Talvez ainda se salve.

(pega no filho ~~ao colo~~ e começa a andar)

## CENA II

(pai, mãe, Pedro, enfermeiro colonialista, doentes)

CORO: O pai e a mãe chegam ao hospital. Andaram 6 horas a pé.

O Pai: Senhor enfermeiro, vim trazer o meu filho ele está muito doente.

O enfermeiro: Espera a tua vez, seu negro. Julgas que o médico tem quantas mãos? Ele não faz mais nada senão tratar de negros?

O Pai: O meu filho está a morrer. Fiz 20 quilómetros a pé, para trazer o meu filho. Ele vai morrer. Faz favor, senhor enfermeiro...

O Enfermeiro: Já te disse: vai para o teu lugar e espera a tua vez senão ponho-te lá fora.

CORO: E o pai e mãe ~~puseram-se~~<sup>ficaram</sup> à espera. E Pedro a morrer...

A Mãe: Pai, Pedro já não respira. Ai, o meu filho Pedro morreu.

O Pai: Pedro morreu.

## CENA III

(Activista, o pai)

O Activista: Boa tarde, pai. Disseram-me que Pedro morreu. Como foi possível isso?

O Pai: Uma doença... de repente... muita febre, muita febre..

O Activista: Mas o médico, o hospital?

O Pai: Lá fomos, com ele nos braços: 20 quilómetros a pé. Chegámos ao hospital, muita gente à espera. Falei com o enfermeiro, disse-lhe "meu filho está a morrer". Ele insultou-me, chamando-me negro. Disse-me que esperasse. Fui para o meu lugar. Esperei... esperei. Mas o miúdo já não aguentou mais, morreu. Morreu sem ser tratado, sem ser visto pelo médico.

O Activista: Mais velho, em Angola, um angolano não tem o direito de ser tratado pelo médico. Aqui só não morre quem tem dinheiro. E quem tem dinheiro é o colonialista. Só esse é que pode adoecer...

Ao colonialista não lhe interessa que um angolano morra por doença porque para ele nós não somos pessoas, somos animais de trabalho.

CORO (todos os alunos):

PARA  
FIXAR

Em Angola, o povo angolano não tem direito à assistência médica. Ele morre por falta de tratamentos, de medicamentos, de médicos, de hospitais.

Esta é uma das formas da exploração colonialista.

### Perguntas de controle:

O analfabetismo - Porque é que o colonialismo português mantém o nosso povo ignorante?

2) Porque é que o povo angolano, morre muito em Angola?

### 6 - O racismo

Personagens: Um aluno da escola primária (branco)-Joaquim  
Um aluno da mesma escola (negro)-Pedro  
A professora (branca)

### CENA I

CORO: Esta é uma escola. Muitas crianças brancas. Poucas crianças angolanas.

A Professora: Quem está a cantar? Quem está a cantar?

O Joaquim: Fui eu, senhora professora.

A Professora: Joaquim, para a próxima vez eu castigo-te. Sabes bem que não gosto de meninos malcriados. Faz atenção.

O Joaquim: Sim, senhora professora. Faz favor de desculpar, senhora professora.

A Professora: Agora quero silêncio, porque vos vou explicar a lição.

Hoje vamos falar da descoberta de Angola pelos portugueses.

Nós os portugueses, quizémos levar a fé e a civilização até aos povos gentios de África. Foi assim que Diogo Cão... Quem é que falou?

O Pedro: Fui eu, senhora professora, estava a pedir o meu caderno de história ao Zito, tinha-lhe emprestado. Preciso dele para a lição de história.

A Professora: És um malcriado. Vem cá. Vou dar-te 5 réguas que é para aprenderes a estar em silêncio, quando eu mando.

Baixinho: Oh, estes negros!

CORO: Pedro que nada fizera, apanhou porque é negro.

Joaquim, que cantava na aula, não apanhou porque é branco.

### CENA II

(Um trabalhador negro, um trabalhador branco,  
o chefe dos empregados, o secretário)

O Chefe dos empregados: Há muita gente hoje à procura de emprego ?

O Secretário: Há uma pessoa... quer dizer há mais outra...  
um negro

O Chefe dos empregados: Bem, manda entrar um só... quer dizer... o  
negro não vale a pena.

O Secretário: O senhor, faça favor de vir, o chefe quer  
falar-lhe. Há possibilidades de emprego. **V**  
cê (dirige-se para o negro) pode ir embora  
para ti não há nada.

CORO: Em Angola, um angolano não tem direito ao trabalho; porque é  
negro.

### CENA III

(Um angolano, um comerciante português, um colono)

CORO: Um angolano entra numa loja dum comerciante português.

O Angolano: Quería um maço de cigarros.

O Comerciante: Espera um momento, estou ocupado. Estes negros sem-  
pre apressados, até parece que trabalham muito!

O Colono: Ora muito bom dia, senhor Santos. Tenho aqui uma lista  
de coisas que a minha mulher pediu para comprar.

O Comerciante: Imediatamente, senhor Neves. Com todo o prazer. Hoje  
tre, então, a lista.

CORO: E o angolano, ficou à espera e não foi atendido, só porque  
era negro.

CORO: (Todos os alunos)

PARA  
FIXAR

Em Angola, existe o racismo.

Em Angola a população colonialista despreza o angolano por  
que ele é negro, e para o poder explorar mais.

Esta é mais uma forma de exploração.

Perguntas de controle :

1) Porque é que em Angola existe o racismo?

Revisão das lições anteriores:

O TRABALHO FORÇADO

Completa a seguinte frase:

O povo angolano é obrigado a trabalhar nas roças dos colonialistas é o ..... Esta é mais uma forma de ..... económica do ..... portugueses.

OS TRABALHADORES DA PESCARIA

Completa a seguinte frase

As riquezas existentes em Angola são ..... pelos colonialistas portugueses. E os ..... angolanos como nada possuem são obrigados a ..... para eles. Esta é a exploração ..... do colonialismo .....

O POVO ANGOLANO É ANALFABETO

Completa a seguinte frase:

Em Angola o nosso povo é ..... O colonialismo português mantém o nosso povo ignorante, para o ..... Esta é a exploração ..... do colonialismo.

A FALTA DE ASSISTENCIA MÉDICA

Completa a seguinte frase:

Em Angola, o povo angolano não tem direito à ..... Ele morre por falta de ..... de medicamentos, de ..... e de ..... Esta é uma das formas da exploração.....

O RACISMO

Completa a seguinte frase:

Em Angola existe o ..... A população colonialista despreza o angolano, dizendo que ele é negro para o .....

7 - Para acabar com a exploração temos de lutar

Personagens: O cultivador do algodão  
O contratado  
O operário da pescaria

Miúdo Kahina  
Pai de Pedro  
Mãe de Pedro  
O Angolano (à procura de emprego)  
O Angolano (que tinha ido à loja)  
Miúdo Zito

(Todas as personagens angolanas das dramatizações anteriores)

### CENA I

CORO: Porque o colonialismo português explora o povo angolano barbaramente, este viu que precisava de lutar.

O Cultivador: Contra a companhia que me explora, roubando o algo-dão, que cultivei com o meu esforço, TENHO DE LUTAR.

O Contratado: Contra o trabalho forçado que faz de mim um contratado, TENHO DE LUTAR.

O Operário da pescaria: Contra o patrão capitalista que explora o meu trabalho, TENHO DE LUTAR.

O Miúdo Kahina: Contra os que fizeram de meus pais analfabetos, e me impediram de ser culto, TENHO DE LUTAR.

O Pai de Pedro: Contra os que mataram o meu filho, por falta de assistência médica, TENHO DE LUTAR.

A Mãe de Pedro: Contra os que não nos deram hospitais, nem médicos, TENHO DE LUTAR.

O Angolano (da loja): Contra os que me discriminam porque sou negro, TENHO DE LUTAR.

O Miúdo Zito: Contra os que me maltratam na escola, porque sou negro, TENHO DE LUTAR.

CORO: (Todos)

PARA FIXAR E o povo tomou consciência que tinha de lutar contra a exploração económica, contra a falta de assistência médica, o analfabetismo, o racismo. Ele viu que era preciso lutar contra o colonialismo português.

#### Pergunta de controle

Contra quem, é que o povo angolano viu que precisava de lutar?



Porquê?

Completa a seguinte frase:

O povo angolano tomou consciência de que era preciso lutar .... contra o colonialismo ..... que é a causa da exploração económica, da falta de assistência ....., do ..... e do .....

6 - O povo angolano tem de lutar unido

Personagens: O cultivador  
O contratado  
O operário da pescaria  
O miúdo Kahina  
O Pai de Pedro  
A mãe de Pedro  
O homem (da loja)  
O angolano (à procura de emprego)  
O miúdo Zito  
CORO

CORO: Mas lutar só não basta. É preciso lutar unidos.

O Cultivador: Eu sou um cultivador da BAIXA DO KASSANGE, sou explorado pelo colonialismo português, porque sou ANGOLANO.

O Operário da pescaria: Eu sou um operário das pescarias de LOÇÂLEDES, sou explorado pelo colonialismo português, porque sou ANGOLANO.

O Contratado: Eu sou um contratado do BIÉ, sou explorado pelo colonialismo português, porque sou ANGOLANO.

O Miúdo Kahina: Eu sou um miúdo de LUANDA, que não tem direito à cultura, porque sou ANGOLANO.

O Pai do Pedro: Eu sou um camponês do Ambriz, que não tem direito à assistência médica, porque sou ANGOLANO.

A Mãe do Pedro: Eu sou uma camponesa do UIGE, a quem recusaram tratar o filho porque sou ANGOLANA.

O angolano (da loja): Eu sou um trabalhador de CABINDA, fui discriminado,

porque sou ANGOLANO.

O Angolano

(do emprego): Eu sou um operário do MOXICO, a quem os colonialis -  
tas recusaram emprêgo, porque sou ANGOLANO.

O Miúdo Zito: Eu sou o miúdo Zito da LUNDA, a quem a professora in-  
sulta e bate, porque sou ANGOLANO.

CORO: (Todos)

PARA  
FIXAR

Nós todos somos explorados porque somos ANGOLANOS.  
O nosso inimigo comum é o colonialismo português.  
Para lutarmos, temos de lutar unidos.  
Só unido o POVO ANGOLANO vencerá o colonialismo  
português.

#### Perguntas de controle

- 1º Qual é o nosso inimigo comum?
- 2º Porque somos todos explorados?
- 3º Como devemos lutar?
- 4º Como é que poderemos vencer o colonialismo português?

A FORMAÇÃO DO M.P.L.A. - SEUS OBJECTIVOS.

PRINCIPAIS FASES DA NOSSA LUTA

---

1 - Formação do M.P.L.A.

Personagens: CORO

Angolanos de vários partidos

CORO: Logo que os angolanos compreenderam que formavam um só povo e que era preciso lutar contra o colonialismo português, começaram a formar-se as organizações clandestinas.

CENA I

(Vários angolanos dum partido angolano, em reunião)

CORO: Esta é uma reunião dum partido angolano.

(cena duma reunião)

1º Camarada: Camaradas, nós temos que nos unir, o mais rápido possível, aos outros grupos nacionalistas, para que o nosso trabalho seja melhor.

Outro Camarada: Tens razão, divididos nada conseguimos. O nosso trabalho é clandestino. E é mais fácil um trabalho clandestino numa só organização que de várias organizações.

CENA II

(Uma outra reunião)

CORO: Reunião dum outro partido angolano

Um Camarada: A necessidade duma reunião com os outros partidos angolanos é cada vez maior.

Outro Camarada: O nosso povo tem de estar todo unido, sob a direcção dum só partido, que seja a sua vanguarda.

Outro Camarada: Temos de fazer tudo, para que surja um só partido em Angola.

### CENA III

CORO: Assim no dia 10 de Dezembro de 1956 foi fundado o M.P.L.A., O Movimento Popular de Libertação de Angola, o nosso Movimento, que iria reagrupar os vários partidos angolanos.

#### Perguntas de controle:

- 1) O que é que o M.P.L.A. reagrupou?
- 2) Porque é que era preciso que todos os partidos angolanos se juntassem num só?

2 - Os Objectivos do M.P.L.A.

Personagens: Vários dirigentes  
Militantes  
CORO

### CENA I

CORO: Esta é uma reunião dos dirigentes da nossa luta com os militantes.

O Responsável: Hoje estamos aqui todos reunidos, para analisarmos quais são os objectivos do nosso Movimento, o M.P.L.A..

Um Militante: Isso é muito importante, camarada responsável, nós os militantes precisamos de ser bem esclarecidos, para podermos fazer a nossa propaganda junto do povo.

O Responsável: O M.P.L.A. luta, por todos os meios, para liquidar a dominação colonialista portuguesa em Angola.

CORO: O colonialismo português é o nosso inimigo. Temos de liquidá-lo.

O Responsável: O M.P.L.A. luta pela independência completa de Angola.

Um Militante: O que significa independência completa?

O Responsável: A independência completa é a independência política e a independência económica.

Um Militante: E o que quer dizer independência política e independência económica?

O Responsável: Independência política: quando o nosso país tiver um governo formado por angolanos, tiver a sua ban-

deira, o seu hino.

Independência económica: são as nossas riquezas: algodão, café, açúcar, ferro, diamantes, etc. pertencerem ao povo angolano e não aos capitalistas estrangeiros: os colonialistas e os imperialistas. E o nosso país ficar tão desenvolvido, que um dia haverá escolas, hospitais, livros, casas, para todos.

CORO:

PARA  
FIXAR

O M.P.L.A. tem como objectivo lutar contra o colonialismo português até à conquista duma independência completa.

A independência completa é a independência política e económica.

3 - Principais fases da nossa luta:  
O 4 de Fevereiro

Personagens: Militantes  
Exército colonialista  
Polícia colonialista  
CORO

CORO: O dia 4 de Fevereiro, marca o início da luta armada em Angola.

#### CENA I

CORO: Luanda em 1961: o povo está cansado da exploração colonialista. O povo tem raiva. A situação tem de mudar. Os jovens reúnem-se.

(Jovens em reunião)

Um Jovem: O Congo já está independente. Nós temos que seguir o exemplo do Congo e do Grande Lumumba.

Outro Jovem: Temos de nos preparar para a acção directa: temos de iniciar a nossa luta armada.

#### CENA II

CORO: Os jovens mais activos guiados pelas palavras de ordem do M.P.L.A., preparam-se para libertar os numerosos presos políticos que estão nas cadeias. O dia 4 de Fevereiro é o dia escolhido. Os militantes estabelecem o plano do ataque.

(Uma reunião de militantes)

Um Militante: Para libertarmos os presos políticos, temos de preparar um plano de ataque.

Outro militante: Eis o plano: nós vamos fazer dois ataques: um à 4a esquadra da polícia, e outro à Casa de Reclusão.

Para conseguirmos atingir estes objectivos, vamos-nos dividir em pequenos grupos. Cada grupo terá um determinado objectivo.

### CENA III

CORO: O ataque à 4a Esquadra, começou pouco depois da meia noite.  
Um grupo de jovens penetra no interior da esquadra.

(Vê-se os jovens entrarem dentro da esquadra)

CORO: Os guardas são apanhados de surpresa. A luta foi breve. Poucos minutos depois, os polícias estavam mortos.

(Cena da luta com os polícias. Polícias mortos no chão)

CORO: O sangue dos polícias correrá pelo chão. Mas ele não era nada comparado com o sangue que a gente do POVO ali tinha perdido nas torturas.

### CENA IV

CORO: Esta é a Casa de Reclusão, situada à beira mar, na fortaleza do penedo.

O grupo encarregado do ataque avança lentamente. Já passa da meia noite.

(Vê-se um grupo progredir lentamente)

CORO: O grupo sobe os muros do quintal da prisão. Ele penetrará no pátio da prisão.

(Um grupo finge subir o muro. E entra no pátio)

CORO: Mas o alarme é dado

(Ouve-se o sinal de alarme)

Vozes: Estamos a ser atacados. Há gente. Há gente.

CORO: O grupo é obrigado a retirar-se porque foi descoberto

(Cena da retirada)

## CENA V

CORO: 5 dias depois é o ataque à Prisão de São Paulo: a cadeia da PIDE.

CORO: Um grupo de revolucionários angolanos ataca, armados simplesmente de catanas;

(Vê-se o grupo progredir)

CORO: Mas os colonialistas já sabiam do ataque. A polícia e o exército ficam à espera dos atacantes, prontos a fazer fogo.

(Vê-se o grupo inimigo preparado para o ataque)

CORO: Os nossos camaradas aproximam-se dos muros da prisão. Nesse momento os holofotes acendem-se e iluminam o nosso grupo. O exército e a polícia fazem fogo intenso. Os nossos camaradas são todos massacrados contra os muros. Eles morrem heroicamente.

(Toda esta cena é representada.  
Enquanto o coro fala, os outros pioneiros vão representando)

## CENA VI

CORO:

PARA  
FIXAR

No dia 4 de Fevereiro de 1961 começou a nossa Luta armada de Libertação Nacional.  
Depois de 4 de Fevereiro, a repressão foi violenta, mas o povo prepara-se para a resistência.

### Perguntas de controle

- 1) Qual é o objectivo do M.P.L.A.?
- 2) O que quer dizer independência completa?
- 3) O que quer dizer independência política e independência económica?
- 4) O que representa para nós o dia 4 de Fevereiro?
- 5) O que aconteceu nesse dia?

(4) - A abertura da frente de Cabinda

Personagens: Uma reunião da Direcção  
Guerrilheiros

Personagens: Henda  
CORO

### CENA I

(Reunião da Direcção do Movimento)

CORO: A direcção do M.P.L.A., decide abrir a Frente de Cabinda.  
Estamos em 1964.

### CENA II

(Preparativos para o combate)

CORO: Um grupo de valorosos combatentes prepara-se para abrir a  
Frente de Cabinda.

(Grupo fazendo os preparativos)

CORO: Era um grupo de 15 Jovens. O seu chefe HENDA.

As armas eram poucas. Dos 15 Jovens só 7 iam arma -  
dos. Mas eles levavam uma arma poderosa: a coragem e a au -  
dácia duma juventude em revolta.

(Continuam a cena dos preparativos)

CORO: O grupo parte para o combate.

(Vê-se o grupo em marcha)

### CENA III

(Combate: os nossos guerrilheiros e os portugueses)

CORO: Hoje, dia 15 de Junho de 1964. Uma patrulha portuguesa vem  
pelo mato...

(Vê-se a patrulha portuguesa)

CORO: O Nosso grupo prepara a embuscada.

(Preparação da embuscada)

CORO: Os colonialistas aproximam-se. Eles caem na embuscada. São  
8 horas e 30 da manhã do dia 15 de ~~Junho~~ <sup>Junho</sup> de 1964.

(Cena do combate)

CORO: O nosso grupo sai vitorioso. Nenhum combatente ferido.  
No chão... mortos, os carrascos do povo.



CORO:

PARA  
FIXAR

Em 1964 a direcção do Movimento decide abrir a Frente de Cabinda.  
Dia 15 de Junho de 1964, pelas 8 horas e 30 da manhã, teve lugar o primeiro combate.

### Perguntas de controle

- 1) Em que ano é que a direcção do nosso Movimento decidiu abrir a Frente de Cabinda?
- 2) Lembras-te da data do primeiro combate?
- 3) Quem chefiava esse combate?

5) - A abertura da Frente de Leste

Personagens: Elementos da direcção do Movimento  
Guerrilheiros  
Elementos do exército colonialista

### CENA I

CORO: Em 1966, a nossa Direcção decide a abertura da Frente de Leste

(Cena numa reunião)

### CENA II

(Activista, povo)

CORO: Antes de se iniciar a luta armada, o M.P.L.A. mobilizou o povo

- O Activista: O colonialismo português é o nosso inimigo. O colonialismo português deu-nos escolas?
- O Povo: Não.
- O Activista: O colonialismo português deu-nos hospitais e médicos?
- O Povo: Não.
- O Activista: O colonialismo português deu-nos trabalho?
- O Povo: Não.
- O Activista: O colonialismo português explora-nos, temos de expulsar o colonialismo português da nossa terra. Para isso temos de lutar e lutar unidos. Temos de ser dirigidos por um Movimento Revolucionário. Esse Movimento é o M.P.L.A.

O Povo: Sim, temos de lutar. Viva o M.P.L.A.. Abaixo o colonialismo português.

### CENA III

(Nossos guerrilheiros, exército tuga)

CORO: Um grupo de guerrilheiros abre a frente de combate. Eles preparam uma emboscada a uma patrulha colonialista.

(Grupo de camaradas a preparar a emboscada)

CORO: A patrulha inimiga cai na emboscada. O fogo é intenso. O nosso grupo retira-se vitorioso.

(Cena do combate)

CORO:

PARA  
FIXAR

No dia 18 de Maio de 1966, o M.P.L.A. abriu uma nova frente de combate: a Frente Leste ou 3ª Região. A Frente Leste compreende os distritos de Moxico e Cuando Cubango

### REVISÃO

#### O POVO ANGOLANO TEM DE LUTAR UNIDO

Completa a seguinte frase:

Nós todos somos explorados porque somos ..... O nosso ..... comum é o ..... português.

Para lutarmos, temos de lutar.....

Só..... o povo angolano vencerá o .....

#### FORMAÇÃO DO M.P.L.A.

Completa a seguinte frase:

Assim no dia ... de ..... de ....., os vários ..... angolanos, fundiram-se para formar o .....

#### OS OBJECTIVOS DO M.P.L.A.

Completa a seguinte frase:

O M.P.L.A. tem como objectivo ..... contra o ..... português, até à conquista da ..... completa.

A independência completa é a independência ..... e a independência .....

6 - A Frente Norte é reforçada

Personagens: CORO  
Guerrilheiros

CORO: A direcção do nosso Movimento tomou a decisão de reforçar e reorganizar a la Região, enviando clandestinamente dois esquadrões: o Cienfuegos e o Kami.

(Preparação dos esquadrões)

CORO: A nossa la Região compreende os distritos do Zaire, Uíge, Cuanza Norte e Lunda.

(Continuação dos preparativos)

CORO: A entrada do esquadrão Cienfuegos: a viagem foi dura e difícil. Mas o esquadrão chegou ao seu destino. E o povo contente faz festa durante uma semana. Era em Outubro de 1966.

(Vê-se o grupo a progredir com cuidado. A chegada e o povo)

CENA II

CORO: Em 1967, um novo esquadrão partiu para a Frente Norte  
(Vê-se o esquadrão partir, atravessar as matas, fugindo à UPA, na fronteira, o esforço e as dificuldade, até chegar ao seu destino)

CORO:

PARA  
FIXAR

O nosso Movimento tomou a decisão de reforçar a Frente Norte.  
Em Outubro de 1966 entrou o esquadrão Cienfuegos.  
Em Março de 1967 entrou o esquadrão Kami.

Perguntas de controle (lição anterior)

- 1) Quando foi aberta a Frente Leste? Que distritos compreende?
- 2) O que fez o nosso Movimento antes de iniciar a luta armada?

7 - A Direcção do Movimento vai para o interior

CORO: No dia 3 de Janeiro de 1968 o nosso camarada Presidente dà uma Conferencia de imprensa.

Personagens: Presidente.  
Jornalistas

(Um grupo de pioneiros faz de jornalistas. Um pioneiro faz de Presidente, outros constituem a assistência)

**Camarada Presidente:** Algumas das conquistas do nosso povo permitiram-nos tomar outras decisões de carácter político e militar. Uma das decisões mais importantes é esta: a sede do nosso Movimento não funcionará mais no exterior; a sua transferência para o interior do país já começou.

**CORO:**

**PARA  
FIXAR**

Em 1968 a Direcção do Nosso Movimento passou a funcionar no interior do país, nas zonas controladas pelo M.P.L.A., nosso Movimento de vanguarda.

### REVISÃO

Perguntas de controle (lição anterior)

- 1) Como foi reforçada a Frente Norte?
- 2) Quando entraram os esquadrões Kami e Cienfuegos?

### A ABERTURA DA FRENTE LESTE

Completa a seguinte frase:

No dia ..... de ..... de ..... O M.P.L.A. abriu a frente .....  
ou ..... Ela compreende os distritos de ..... e .....

3) - A generalização da luta armada

**CORO:** No início de 1967 o Camarada Presidente lança a palavra de ordem de generalização da luta armada por todo o território nacional.

### CENA I

**CORO:** Generalizar a luta armada: abertura da 4ª Região Militar, que compreende os distritos de Lunda e Malanje, em 1967.

(Enquanto o coro fala, representação da abertura da Frente, através dum combate entre os nossos guerrilheiros e o exercito colonialista)

### CENA II

CORO: Generalizar a luta armada: em 1970, abertura da 5a Região, compreende o distrito do Bié.

(Enquanto o coro fala uns pioneiros representam a abertura da frente, através duma embuscada feita ao exército colonialista)

CORO:

Generalização da luta armada por todo o território nacional: 1966 abertura da 3a Região  
1967 reforço da 1a Região  
1969 abertura da 4a Região  
1970 abertura da 5a Região

#### REVISÃO

- 1) Como é que o M.P.L.A. pôs em prática a palavra de ordem: generalizando a luta armada por todo o território nacional?
- 2) Desde quando foi lançada essa palavra de ordem?

#### A FRENTE NORTE É REFORÇADA

Completa a seguinte frase:

Em 1966 entrou o esquadrão ..... E em ..... entrou o esquadrão .....

## HERÓIS DA NOSSA LUTA

## 1 - Tomás Ferreira

Personagens: Tomás Ferreira  
 Guerrilheiros  
 Upistas  
 CORO

CORO: Tomás Ferreira, Mártir da nossa luta

1º pioneiro: Grande combatente

(Cena de combates)

CORO: Em 1962, uma coluna do M.P.L.A., entra em Angola

(Coluna progredindo)

2º pioneiro: seu comandante: Tomás Ferreira,

(Coluna progredindo, Tomás Ferreira à frente)

CORO: De repente, oh traição! A coluna é atacada

1º pioneiro: a criminosa UPA estava lá

(Embuscada da UPA, tiros)

CORO: A nossa coluna é apanhada de surpresa. Ela reage.

(Combate)

2º pioneiro: Mas é demasiado tarde. Tomás Ferreira é morto.

1º pioneiro: E com ele os outros guerrilheiros. Só três sobreviveram.

(Mortos por terra)

1º pioneiro: Ó morte heroica!

CORO: Tomás Ferreira, tu não morreste. Na nossa inteligência e na nossa vontade, tu estarás sempre presente. Continuemos a acção.

## 2 - Ferraz Bomboko

Personagens: Ferraz Bomboko

Guerrilheiros  
CORO

CORO: A nossa luta conhece grandes heróis

1º Pioneiro: Ferraz Bomboko é um deles

CORO: Grande lutador...

2º Pioneiro: Ele organizou a resistência no interior de Angola

(Cena de combates)

CORO: Grande comandante

1º Pioneiro: Nos combates era o primeiro

(Cena de combates, Bomboko à frente)

CORO: Era em 1963

2º Pioneiro: Bomboko estava doente, muito doente.

1º: Mas com o seu espírito de sacrifício, continuou a lutar

(Cenas de combates)

CORO: E a doença aumentava

1º Pioneiro: E nas matas não há médicos

2º Pioneiro: Nem hospitais

CORO: Nas matas só há a coragem e o sacrifício

1º Pioneiro: E a doença foi vencendo pouco a pouco

2º Pioneiro: E morreu

CORO: Ferraz Bomboko, herói da nossa luta: o teu sacrifício não foi em vão: nós seguiremos o teu exemplo, até à vitória certa.

3 - Kami

Personagens: Kami  
Guerrilheiros  
CORO

CORO: Kami era jovem como nós

1º Pioneiro: Era um guerrilheiro da nossa frente de Cabinda

(Combates)

2º Pioneiro: Era um sabotador

(Kami fazendo sabotagem)

CORO: As suas minas esmagavam o inimigo

(Patrulha portuguesa, caindo nas minas)

1º Pioneiro: Mas um dia...

2º Pioneiro: Quando ele preparava uma mina

(Kami preparando uma mina)

CORO: De repente ouviu-se uma explosão.

(Barulho da explosão)

1º Pioneiro: E no chão, morto, Kami.

2º Pioneiro: Era em Setembro de 1965.

CORO: Kami, jovem como nós...

1º Pioneiro: Tu amavas a luta como nós...

2º Pioneiro: Mas também amavas a vida, como nós...

CORO: Kami, sabotador heróico. Não te choraremos.

Seguiremos simplesmente o teu exemplo.

Que cada um de nós seja um Kami.

(4) - HOJI IA HENDA

*Filho querido do comandante  
Henda*

Personagens: Henda  
Guerrilheiros  
CORO

CORO: HOJI IA HENDA, era o nome de guerra de José Mendes de Carvalho.

Uma voz: Hóji ia Henda...

Outra voz: O leão do amor...

CORO: Em 1962, fazia parte dos nossos destacamentos guerrilheiros.

(Cena de combates)

Outra voz: Em ataques constantes...

CORO: Dirigidos pelo comandante HENDA

(Cena de combate continua)



Uma voz: Em Cabinda  
Outra voz: No leste (Combates)

CORO: Em toda a parte...

Uma voz: Henda é um exemplo de coragem...  
Outra voz: De disciplina... (Sempre cenas de  
Uma voz: De audácia... combates e Henda  
Outra voz: De abnegação... falando ao povo)  
Uma voz: De honestidade absoluta...  
Outra voz: Total espírito revolucionário...

CORO: E assim foi até ao ataque à caserna de Karipande. Era em 14  
de Abril de 1968

## CENA II

(Ataque à caserna de Karipande. Guerrilheiros. Henda à frente)

Henda: M.P.L.A. avança.... M.P.L.A. avança  
(Combate intenso e depois silêncio)

CORO: O inimigo deixa de responder ao fogo  
(Silêncio)

CORO: Henda levanta-se para observar o terreno  
(Henda observando o terreno)

CORO: Nesse momento, uma bala isolada atinge-o mortalmente  
(Ouve-se um tiro e Henda cai)

Uma voz: HENDA o Leão do amor morreu!

CORO: Não choraremos pois os mortos...

Uma voz: Tomaremos o exemplo do seu heroísmo...  
Outra voz: Do seu valor...

CORO: Para avançarmos...

Uma voz: O mais possível  
Outra voz: O mais rapidamente possível...  
Uma voz: E assim tornaremos o seu heroísmo útil para o nosso  
povo...

CORO FINAL: CONTINUEMOS A ACCÃO !

CORO: O tempo das chuvas aproxima-se. As escolas do Centro de Instrução Revolucionária recomeçaram. Augusto Ngangula regressa à escola. Ele vem da aldeia dos seus pais. Hoje é dia 1 de Dezembro de 1968.

(Augusto Ngangula com os livros na pasta regressa à escola)

CORO: Ele caminha cautelosamente. Porque na savana é difícil andar sem ser visto. E às vezes o inimigo anda por là.

(Augusto Ngangula continua a marcha)

CORO: De repente, ele ouve um ruído estranho. Tenta fugir.

(Barulho, e tentativa de fuga)

CORO: Mas um soldado que estava escondido no capim, ergue-se de repente, e grita.

(Aparece um soldado português armado)

Soldado: Alto! Nem mais um passo!

CORO: Ele é rodeado por um grupo de inimigos. Eles revistam-lhe o saco e descobrem os livros do M.P.L.A.

(Enquanto o coro fala, os pioneiros mimam a cena)

Soldado: Onde vais, miúdo? Quem te deu esses livros?

Outro soldado: Foram os terroristas, não é?

Outro soldado: Ah! Tu ias para a escola, então sabes bem o caminho, e vais guiar-nos até là...

Soldado: Como se chamam os vossos cabecilhas?

Soldado: O que fazem vocês là no meio dos bandidos? Ias à escola aprender as tuas aulas políticas, onde vos ensinam o terrorismo, que Angola é dos angolanos, e que os portugueses têm de se ir embora...

Outro soldado: Eles vão já ver. Vamos, responde, ou verás como é...

CORO: Mas Ngangula permanece calado

Soldado: Toma para aprenderes (dá-lhe bofetadas)

Outro soldado: Responde, ou cortamos-te aos bocados

CORO: Mas a todos os insultos e perguntas, ele permanece calado. No seu olhar não há o medo da morte.

(Soldado batente Ngangula)

(Ngangula resiste, calado)

(Soldados continuam a bater Ngangula)

CORO: Então os soldados, enraivecidos, pegam num machado e golpeiam Augusto Ngangula

(Os soldados matam Augusto Ngangula)

## CENA II

CORO: Pela sua coragem e dedicação à luta da sua pátria, o Comité Director do M.P.L.A. decidiu conceder ao Pioneiro Augusto Ngangula o título de PIONEIRO HEROICO DO M.P.L.A..

## REVISÃO

- 1) Quando e como morreu Tomás Ferreira?
- 2) Como e quando morreu Ferraz Bomboko?
- 3) Como e quando morreu Kami?
- 4) Como e quando morreu Henda?
- 5) Como e quando morreu Augusto Ngangula?

TEMA: . . . . .  
FORMAÇÃO DO PIONEIRO . . . . .

---

1 - Primeiro princípio do pioneiro

CENA I

Personagens: Pioneiro Kahina  
Pioneiro Mandume  
CORO

Kahina: Sabes, Mandume, descobri um ninho de pássaro ali naque -  
la árvore. Bonito ninho! Queres vir comigo apanhá-lo?  
Mandume: Não, obrigado, Kahina. Agora não vamos. Tocou o sinal pa -  
ra a formatura, e nós temos de cumprir a disciplina. Tam -  
bem gostaria muito de ir buscar o ninho. Mas fica para  
amanhã.  
Kahina: Tens razão, Mandume. Primeiro a disciplina, e depois o ni -  
nho de pássaros.  
CORO: O pioneiro do M.P.L.A. é disciplinado.

CENA II

Personagens: A Pioneira Certa  
O Pioneiro Dunduma

Certa: Dunduma, o nosso trabalho não está a correr bem. Há mui -  
tos problemas entre nós, que por não serem discutidos, vão  
-se agravar. Que tal se fizéssemos uma reunião, para por -  
mos todos os problemas a claro e assim podermos avançar nas  
nossas tarefas?  
Dundu -  
ma: Tens razão, Certa. Eu não tinha notado isso. Mas graças à  
tua vigilância, poderemos corrigir os erros a tempo.  
CORO: O pioneiro do M.P.L.A. é vigilante.

CENA III

Personagens: O professor  
A pioneira Tété  
Outros alunos

Camarada Professor: Tété, já é a segunda vez que te repreendo por

estares a brincar na aula. A brincadeira só te prejudica, porque te impede de estares com atenção, e aprenderes.

Tété: Sim, camarada professor. Peço desculpa. Além da falta de atenção, também é falta de respeito, pelo camarada professor.

CORO: O pioneiro do M.P.L.A. aprende a respeitar os seus superiores

#### CENA IV

CORO: (Todos os pioneiros)

PARA  
FIXAR

O pioneiro do M.P.L.A. é disciplinado e ao mesmo tempo vigilante. Aprende a respeitar os seus superiores e a defender constantemente a revolução.

Nota: Com os pioneiros cria outras cenas, em que este princípio seja aplicado

2 - Segundo princípio do pioneiro

#### CENA I

Pioneiros: Ingo, Kahina e Vontade

Ingo: Kahina, chegaste tarde à formatura. Não tens vergonha? És um indisciplinado.

Vontade: Ingo, não é assim que se critica um camarada. Kahina, anda cá. Ouve: tu sabes que nós devemos estar sempre a horas na formatura. Já viste como o nosso trabalho ficaria todo desorganizado, se cada um de nós chegasse a qualquer hora à formatura? Desta vez foste preguiçoso, porque te levantaste tarde, e também indisciplinado porque não cumpriste o teu horário...

Kahina: Obrigado, Vontade. De facto não me levantei por preguiça, e fui egoísta porque não pensei que a minha preguiça prejudicava o trabalho de todos os outros pioneiros; além de indisciplinado. Esta será a última vez, porque a tua crítica me ajudou muito.

CORO: O pioneiro do M.P.L.A., critica fraternalmente os erros dos seus camaradas.

#### CENA II

Personagens: Kahina e Vontade

Kahina: Vontade, hoje depois do almoço não lavaste o teu prato, foi um outro camarada que o lavou por ti. Isso está errado.

Vontade: Tens razão, Kahina. Sabes? Foi por preguiça. Ainda bem que me chamaste a atenção, para que eu não volte a repetir o erro. Obrigado, Kahina.

CORO: Um pioneiro do M.P.L.A., aceita a critica dos seus proprios erros.

### CENA III

CORO: Um pioneiro do M.P.L.A. critica fraternalmente os erros dos camaradas. E aceita a critica dos seus proprios erros.

### 3 - Terceiro princio do pioneiro

### CENA I

Personagens: O Pedro  
O Mbula Matadi

O Pedro: Sabes que o Mandume é muito antipatico, muito egoista, calcula tu que no outro dia ele...

O Mbula Matadi: Pedro, se tens uma critica a fazer a Mandume, fa-lo directamente. Não fales pelas costas. Esta errado: so pro voca intrigas. E falta de coragem moral.

O Pedro: Tens razão, Mbula. Vou já procurar o Mandume, para lhe dizer directamenteo que penso dele.

CORO: Um pioneiro do M.P.L.A., não fala pelas costas.

### CENA II

Personagens: O Pedro  
O Mandume

O Pedro: Mandume, há uma coisa no teu comportamento que me pare ce errada: é a maneira brusca como falas aos outros pioneiros, e o teu egoismo que te leva a nunca pensa - res nos outros.

O Mandume: Obrigado, Pedro. Gostei que me tivesses criticado di - rectamente, e vou procurar corrigir-me.

CORO: O pioneiro do M.P.L.A. não se ofende quando o criticam

### CENA III

CORO:

Um pioneiro do M.P.L.A. não fala pelas costas.  
Não se ofende, quando o criticam.

4 - Quarto principio do pioneiro

### CENA I

O Ingo

Personagens: A Vontade

O Kahina

A Vontade: Sabes Kahina, na verdade eu sou boa-aluna. Na minha classe eu sou a melhor.

O Kahina: Estás a ser pouco modesta, Vontade. Há outros pioneiros que também são bons alunos e não se gabam como tu. A Certa passou com 18 valores e não diz nada. Até se ofereceu para estudar com os outros camaradas de classe, durante as férias, para ajuda-los a fazer revisões.

O Ingo: Tu és orgulhosa, Vontade. Só pensas nos teus sucessos. E os sacrificios do nosso povo? Não contam para ti?

A Vontade: Têm razão. Eu sou orgulhosa. Mas, graças a vocês, tomei consciência do meu erro e vou tentar corrigir-me.

CORO:

Um pioneiro do M.P.L.A. não é orgulhoso. É trabalhador e modesto. Ele sabe que, tudo quanto faça não é nada, comparado aos sacrificios do seu povo.

### CENA II

Personagens: O Mbula Matadi

O Pedro

O Mbula

Matadi: Sabes que o Ingo passou com 18 valores? Ele não te disse nada?

O Pedro: Não. Quando ele fez o exame, eu estava ausente. Quando voltei, perguntei-lhe pelos exames. Respondeu-me simplesmente: passei, correu-me bem. Mas como ele não me disse mais nada...

O Mbula

Matadi: É extraordinário este Ingo. Duma modéstia, duma falta de orgulho.

O Pedro: É um belo exemplo para nos seguirmos.

CORO:

O pioneiro do M.P.L.A. não é orgulhoso. É trabalhador e modesto. Sabe que, tudo quanto faça não é nada, comparado com o sacrifício do seu povo.

5 - Quinto principio do pioneiro

CENA I

Personagens: O Kahina  
Um militante

Militante: A direcção do nosso Movimento só comete erros. Aqui no Movimento só se vê bandalha.

O Kahina : Camarada, não tens o direito de falar assim... Além disso, as tuas críticas são pouco precisas. Dá-me exemplos concretos de bandalha e de erros cometidos pela Direcção do Movimento.

Militante: Ora. Há tantos, que nem têm conta.

O Kahina : Essa crítica, assim, não serve. Quando uma pessoa critica, camarada, critica para corrigir e não para fazer só confusão. O camarada vê os erros, mas não tem coragem de falar numa reunião sobre eles. Ainda por cima fala sem precisão. Isso está errado.

Militante: Mas, afinal, um miúdo como tu atreve-se a discutir comigo?

O Kahina : Sou miúdo, mas também sou pioneiro. Sou militante do M.P.L.A. E como militante tenho o direito e o dever de defender as minhas opiniões onde quer que esteja, desde que elas sejam correctas. E, neste caso, elas são -no.

Militante: Estes miúdos de agora dão-nos muita lição. Obrigado, miúdo Kahina, pelo teu exemplo de coragem revolucionária.

CENA II

CORO:

Um pioneiro do M.P.L.A. tem a coragem de defender as suas opiniões, onde quer que esteja. Não as esconde por medo ou vergonha.



## 6 - Sexto princípio do pioneiro

### CENA I

Personagens: O responsável  
O Mbula Matadi  
O chefe-dia

O Camarada responsável: Mbula Matadi, tens aqui uma encomenda para ti. É um presente duma camarada do exterior. Ela ouviu a carta que escreveste, lida por Angola Combatente. Diz que gostou muito e que te manda uma pequena recordação.

Mbula Matadi: (Abre o pacote) Que bom! Leite, chocolate, compota... Camarada chefe-dia, camarada chefe-dia: aqui está esta comida para ser guardada na nossa dispensa. Durante uns dias, vamos todos comer bem.

Chefe-dia: Sim, Mbula, coisas doces... Há tanto tempo que não comíamos...

CORO: O pioneiro do M.P.L.A. não quer para si aquilo que todos os outros não podem ter.

### CENA II

Personagens: A Certa  
A Vontade

A Certa: Há um camarada que me disse que, se nós quizessemos, ele podia-nos arranjar um pouco mais de comida. Ele diz que arranja na aldeia.

A Vontade: Se fosse para todos nós, pioneiros, estaria de acordo. Mas só para nós duas, não estou. Se a nossa vida é colectiva... é colectiva em tudo.

A Certa: Tens razão, Vontade.

CORO: Um pioneiro do M.P.L.A., não quer para si aquilo que todos os outros não podem ter.

## 7 - Sétimo princípio do pioneiro

### CENA I

(Vários pioneiros, coro)

CORO: O pioneiro do M.P.L.A. olha sempre para a frente, avançan-

do para o futuro, tentando ser melhor.

Um pioneiro: Melhor no estudo

(Um pioneiro a estudar)

CORO: Melhor no estudo

Pioneiro: Melhor na lavra

(Um pioneiro mima o trabalho da lavra)

CORO: Melhor na lavra

Pioneiro: Melhor na guarda

(Um pioneiro mima uma guarda)

CORO: Melhor na guarda

Pioneiro: Melhor na patrulha

(Mimar a patrulha)

CORO: Melhor na patrulha

Pioneiro: Melhor no reabastecimento às frentes de combate

CORO: Melhor no reabastecimento às frentes de combate

(Um pioneiro ou vários fingem levar comida, caminhando rápido)

CORO: Um pioneiro do M.P.L.A. olha sempre para a frente, avançando para o futuro, tentando ser mais culto.

(Um pioneiro estuda, outro lê um livro)

CORO: Um pioneiro do M.P.L.A., olha sempre para a frente avançando para o futuro, tentando ser mais corajoso.

CORO: Kahina é corajoso. Ele está cansado mas trabalha na lavra dos pioneiros

(Kahina a trabalhar)

CORO: Corajoso quando ele prefere a morte a trair a causa sagrada da luta: Augusto Ngangula.

(Vê-se um soldado português a matar um pioneiro)

CORO: Corajoso no combate

(Vê-se um combate, no qual participam pioneiros)

CORO: O pioneiro do M.P.L.A. olha sempre para a frente, avançando para o futuro, tentando ser mais disciplinado.

Pioneiro: Disciplina na nossa vida pessoal

Pioneiro: São os nossos livros, os nossos cadernos, as nossas roupas, cuidadosamente arrumados (gestos de arrumarem os livros).

CORO: Disciplina na vida colectiva

Pioneiro: Vontade cumpre sempre os seus horários

Outro

Pioneiro: Mbula Matadi gostaria de ir caçar pássaros...

CORO: Mas não vai...

Pioneiro: Porque ele cumpre com os seus deveres. Ele é disciplinado.

CORO FINAL:

Um pioneiro do M.P.L.A. olha sempre para a frente, avançando para o futuro, tentando ser melhor, mais culto, mais corajoso, mais disciplinado.

8- Oitavo princípio do pioneiro

Personagens: CORO

Quatro pioneiros

CORO: Tudo pelo Povo

1º Pioneiro: Ser culto para servir o meu Povo

CORO: Tudo pelo Povo

2º Pioneiro: Ser modesto e trabalhar, para servir o meu Povo

CORO: Tudo pelo Povo

3º Pioneiro: Ser mais corajoso, para servir o meu Povo

CORO: Tudo pelo Povo

4º Pioneiro: Se necessário, morrer como Augusto Ngangula, para servir o meu Povo.

CORO: Tudo pelo Povo

1º Pioneiro: Produzir mais, para servir o meu Povo